

NEUZA CORASSA
PSICÓLOGA

“As pessoas vão para o trânsito como se o outro fosse um inimigo”

A psicóloga diz que as pessoas têm que avaliar o que as faz acelerar e explodir por qualquer coisa, no trânsito e na vida

Texto CLÁUDIA FELIZ

BASTA! O excesso de velocidade praticado por muitos motoristas, que se comportam irresponsavelmente, aliado às condições precárias de muitas vias, compõem o conjunto de fatores que fazem com que, no Brasil, o trânsito seja responsável por milhares de mortes. Só no Espírito Santo, entre o ano de 2005 e o primeiro semestre deste ano, ele matou 612 pessoas em mais de 40 mil acidentes em vias urbanas da Grande Vitória e nas estradas federais. Outras 14 mil ficaram feridas. Uma tragédia. A psicóloga paraense Neuz Corassa não se conforma com essa dura realidade. Estudiosa do comportamento do homem ao volante, ela diz que falta envolvimento de todos, do poder público, da família, de toda a sociedade, na solução desse problema. Neuz fala dos motoristas que vêem os outros como inimigos – cuidado com eles! – e alerta sobre o quanto é perigosa a união de álcool e volante.

Por que as pessoas conferem ao carro uma importância tão grande?

Eu estudei o carro na família e constatei três situações. Para o mundo masculino, não se trata de uma questão de status, mas de sua condição de provedor, de quem quer dar melhores condições e

AJ1665r

Mil e uma utilidades

Pesquisa realizada nos Estados Unidos pela Organização Car Love mostra que **62% das pessoas acreditam que a aparência do carro é essencial, e também o que elas fazem dentro dele.**

60% conversam com os seus carros

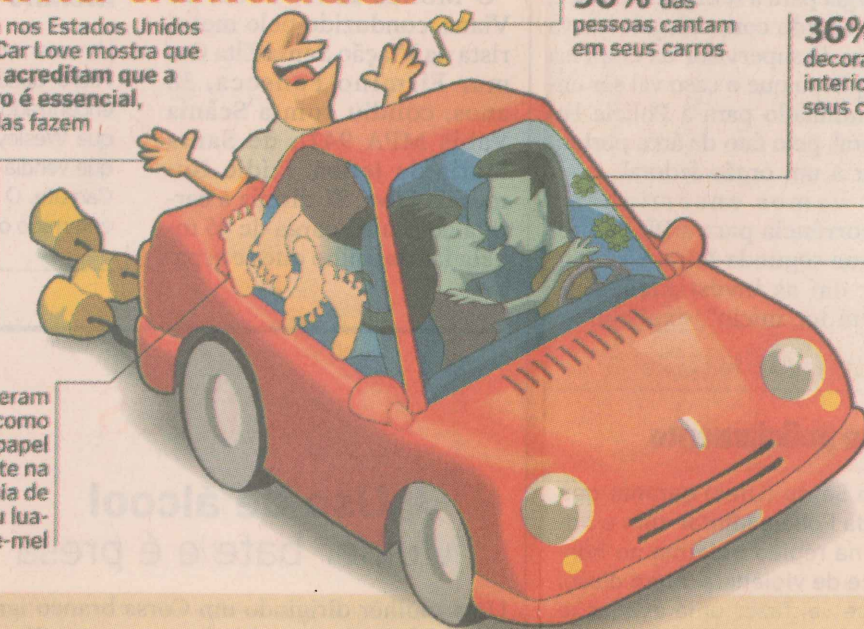
38% tiveram seus carros como um papel importante na cerimônia de casamento ou lua-de-mel

90% das pessoas cantam em seus carros

36% decoram o interior de seus carros

50% já beijaram ou namoraram em seus carros

34% já tomaram uma decisão muito importante em seus carros



27% já fizeram amor em seus carros



26% tiveram sua primeira relação sexual dentro do carro



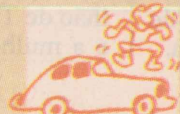
22% tiram fotos de seus carros



20% encontram seus companheiros em seus carros



19% já subiram no capô do carro



10% já ficaram noivos no carro, ou conhecem alguém que ficou



9% geraram filhos em seus carros



4% celebram a data de aniversário de seus carros



Os pais dão um carro como se fosse um brinquedo a mais, mas devem pensar que esse presente envolve a vida do seu próprio filho e de outras pessoas. É preciso observar se ele administra bem a mesada, se observa se a pessoa com quem está saindo bebe e dirige... Se o filho não cumpre regras nem normas, não pode ser presenteado

tório – as pessoas trabalham, dão retorno de ligações, juntam papelada nele. Também é copa-cozinha – muita gente faz lanches, refeições dentro dele, por causa da vida corrida. É também sala de som, quarto – taxistas, médicos, vendedores, costumam dar uma cochilada no carro. É ainda lugar de namoro e sala de estar, onde as famílias conversam, discutem. Sem falar em banheiro e tocador – lugar de troca de fralda do bebê, de uso de maquiagem.

tro como se o outro fosse um inimigo.

O nosso compasso interno, como seres humanos, não está nessa velocidade externa. A

que podem ter um surto dirigindo um veículo. Por isso que não se deve discutir, bri-

tibular, por exemplo, com um carro. Nem sempre levando em consideração se eles es-

dado com eles! - e alerta sobre o quanto é perigosa a união de álcool e volante.

Por que as pessoas conferem ao carro uma importância tão grande?

Eu estudei o carro na família e constatei três situações. Para o mundo masculino, não se trata de uma questão de status, mas de sua condição de provedor, de quem quer dar melhores condições e conforto para a família. Já a mulher, às vezes, não sabe muito bem sobre o carro, mas o valoriza na sua praticidade. Ela se preocupa com o ir e vir, em levar os filhos para a escola, seu deslocamento para o trabalho, a visita dos pais... Já o jovem, precisa do carro para se auto-afirmar.

Os acidentes no Brasil envolvem muitas pessoas jovens, na fase produtiva. Isso tem a ver com auto-afirmação?

O jovem é mais ousado na vida, quer mais desafios, mais adrenalina, mais frisson, por isso corre. Já na fase produtiva, as pessoas estão correndo mais para conquistar coisas, posições, e isso se reflete no trânsito. Hoje, o ritmo externo está muito acelerado. As pessoas entram nos carros com esse pique, como que se atirando no trânsito, sem pensar muito no valor da vida.

E as mortes no trânsito são muitas...

Sim, a situação é dramática. Na minha clínica, atendo famílias que perderam pessoas no trânsito. Depois que acontece uma tragédia, há quem tome consciência da situação. Mas a gente não pode ficar esperando uma tragédia acontecer.

A relação de uma pessoa com o carro reflete sua relação com a vida? Quem é acelerado no carro é também fora dele?

É. Há pessoas que ficam dentro do carro uma hora, duas, para se deslocar para o trabalho, por exemplo. Mas elas têm consciência de que precisam ficar todo esse tempo ali e não se estressam porque incorporam isso. Mas existem aquelas que vão dirigir algumas quadras estressadas, porque não compreendem que passar pelo trânsito não é um faz-de-conta, não é como usar uma nave. Não têm consciência da vida, vão para o trânsito disputando espaço com o ou-

tro como se o outro fosse um inimigo.

E essa disputa acaba resultando em muitos acidentes.

Sim. Mas, na verdade, nem as pessoas e nem as cidades estavam preparadas para tantos carros. Nós só somos a terceira ou quarta geração dirigindo. De repente, foi como se os carros caíssem de pára-quedas na nossa frente. E o comportamento do ser humano não se dá nessa velocidade, para que haja uma adaptação.

A vida na via pública nos impõe um ritmo maior do que estamos preparados?

No trânsito, temos o dono do mundo - aquele que age de forma inadequada. Não respeita o sinal vermelho, mas, ao ser abordado, continua dizendo que agiu com segurança, que está certo. O segundo grupo, em casa, age de forma adequada, mas briga no trânsito para se impor. Mas reconhece o erro

19% já subiram no capô do carro



10% já ficaram noivos no carro, ou conhecem alguém que ficou



9% geraram filhos em seus carros



4% celebram a data de aniversário de seus carros



A Gazeta - Ed. de Arte - Curitiba

O nosso compasso interno, como seres humanos, não está nessa velocidade externa. A tecnologia disparou. A pessoa quer levar para o trânsito a mesma rapidez da Internet, do telefone. Mas não dá. Outro dado: em outras situações, as pessoas se reúnem por afinidade - na faculdade, na igreja, no futebol -, mas no trânsito não. Todos estamos lá, com personalidades e características muito diferentes. E sem a consciência disso. Vira uma panela de pressão.

O que faz alguém ser mais ou menos agressivo quando está no trânsito?

Vai depender da característica de cada um. No trânsito temos o dono do mundo - aquele que age de forma inadequada. Não respeita o sinal vermelho, mas, ao ser abordado, continua dizendo que agiu com segurança, que está certo. O segundo grupo é o de comportamento mascarado, encoberto. Em casa essas pessoas agem de forma adequada, mas elas brigam no trânsito para se impor, embora reconheçam o erro e peçam desculpa. Há o grupo das pessoas cautelosas, motoristas ideais, que agem de forma respeitosa, dando a vez ao outro, não andando coladas na traseira do carro à sua frente, que não ficam buzinando. Se estão atrasadas, sabem administrar o atraso. E os fóbicos, ansiosos - a maioria tem carteira de habilitação, mas não consegue retirar o carro da garagem. Os fóbicos sofrem da síndrome do carro na garagem. Oitenta por cento são mulheres. Trata-se de pessoas inteligentes, responsáveis, mas que não suportam ser cobradas. Se são homens, são ligados à arte, à família. Não gostam da agressividade do trânsito.

Mas nas ruas a gente encontra os tipos muito agressivos. Onde eles se enquadram?

São os que eu chamo de perigosos por natureza. Provavelmente não deveriam ter carteira de habilitação, por-

que podem ter um surto dirigindo um veículo. Por isso que não se deve discutir, brigar no trânsito. Porque se um perigoso por natureza se envolve numa briga e está armado, é capaz de matar outra pessoa sem conhecê-la, sem ter raiva dela.

Fala-se que há muita gente despreparada guiando carros, que o processo de habilitação não é rigoroso o suficiente.

A consciência do dirigir é mais importante do que apenas a testagem. E é preciso que a família assuma também sua responsabilidade. Se alguém não tem consciência da responsabilidade de dirigir, se toma medicamento porque tem surto, não pode ser autorizado a guiar um carro. Um familiar, um amigo, tem que impedir. A vida das pessoas não é boa só porque elas dirigem um carro, entende? E isso é sério, porque se não for impedida, essa pessoa vai morrer ou matar no trânsito.

Pais com melhor poder aquisitivo costumam premiar seus filhos aprovados no ves-

tibular, por exemplo, com um carro. Nem sempre levando em consideração se eles estão prontos.

Sim. Os pais dão um carro como se fosse um brinquedo a mais, mas devem pensar que esse presente envolve a vida do seu próprio filho e de outras pessoas. É preciso observar se ele administra bem a mesada, se observa se a pessoa com quem está saindo bebe e dirige... Se o filho não cumpre regras nem normas, não pode ser presenteado. Do contrário, os pais estarão dando a ele uma arma.

Por que ocorrem conflitos no trânsito, mesmo com pessoas educadas?

Fiz uma pesquisa que mostra o conflito gerado pelo fato de a pessoa usar o carro sem consciência. Quando agredem o carro, é como se agredissem sua casa e, conseqüentemente, a ela.

Como é a casa sobre rodas descrita em seu livro?

O molusco caracol leva sua casa junto, e a gente leva a casa no carro. O carro é escri-

ta e copa-cozinha - muita gente faz lanches, refeições dentro dele, por causa da vida corrida. É também sala de som, quarto - taxistas, médicos, vendedores, costumam dar uma cochilada no carro. É ainda lugar de namoro e sala de estar, onde as famílias conversam, discutem. Sem falar em banheiro e toucador - lugar de troca de fralda do bebê, de uso de maquiagem.

O carro, como a casa, mostra o que a gente é?

Não dá para dizer isso. Há quem tenha a casa bem-arrumada, mas o carro, não. A gente constatou que o homem defende seu carro como sua casa, por isso ele se torna agressivo. Ele sai do espaço privado, que é a casa, e vai para o público, que é a rua. E o conflito acontece aí, porque as pessoas se comportam no público como no privado.

Há gente que, ao assumir o volante, transforma-se. Irrita-se, xinga, grita em meio ao trânsito. O que fazer para conter essa agressividade?

Primeiro, as pessoas precisam repensar o volante da vida delas. Em que ela não está boa, prazerosa, o que lhes gera tamanha frustração que as faz explodir por pouca coisa. Segundo, precisamos mudar o conceito de que passamos pelo trânsito para estarmos no trânsito. As pessoas param horas de sua vida no trânsito, mas não internalizam isso. E, por último, é preciso fazer uma caminhada, andar no parque, para que o corpo produza uma química boa, com liberação de endorfinas que neutralizem a química da ansiedade, gerada pela noradrenalina que faz com que as pessoas sintam-se como se estivessem ligadas numa tomada. Isso em cidade grande é maior, pelo estímulo visual, pelo barulho, que geram irritação na gente.

Como a senhora vê o uso do álcool ao volante?

É muito preocupante. Em Curitiba, 52% das mortes do trânsito envolvem uso de álcool pelo motorista. Há os que são dependentes, doentes, que precisam ser cuidados. Mas há as pessoas que vão a uma festa, bebem, e se julgam aptas a dirigir. É preciso lembrar que a bebida alcoólica gera uma fadiga muscular, e faz com que a tomada de decisão seja mais lenta.

Livros para ajudar a superar medo

Neuza Corassa é psicóloga, tem 48 anos, é autora do livro "Vença o medo de dirigir - como superar-se e conduzir o volante da própria vida", que já está em sua 6ª edição, e do livro "Síndrome do Caracol", Seu carro: sua casa sobre rodas", lançado este ano. Também tem participação no livro "Comportamento humano no trânsito", editado pela Casa do Psicólogo. Faz parte da Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental (ABPMC), e é fundadora do Centro de Psicologia Especializado em Medos, de Curitiba. Na mesma cidade, atua como voluntária nas varas de Delito de Trânsito. Trabalha também como professora convidada do Curso de Capacitação para Psicólogo Perito em Examinador de Trânsito e Curso de Especialização em Trânsito: Gestão da Mobilidade Urbana e Saúde Pública, da PUC-PR. É uma das pioneiras do Brasil a desenvolver estudos sobre o medo de dirigir (Síndrome do Carro na Garagem). Em seu consultório, além da fobia de dirigir, atende clientes com medo de falar em público, e de andar de avião. Mas ela não aceita ter sua foto publicada num jornal, embora garanta: isso nada tem a ver com fobia.